

A EMERGÊNCIA DE CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM DADOS DE FALA DE CRIANÇAS EM FASE DE AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Paula Barreto Silva*
(Uesb)

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira**
(Uesb)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo verificar como se processa a aquisição das construções clivadas em dados de fala de crianças de Vitória da Conquista - BA e quais são os fatores que caracterizam sua emergência. Dessa forma, a partir dos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa (Chomsky, 1981), foi possível afirmar que a aquisição das clivadas ocorre por um processo gradual e que a maior frequência de alguns tipos de clivadas é mais condicionada pelo *input* do que pela complexidade/simplicidade da sentença.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição. Construções Clivadas. Português Brasileiro. Sintaxe. Teoria Gerativa.

INTRODUÇÃO

As *construções clivadas* são, conforme Kato et al (2002, p. 314), como “um conjunto de construções-Q usadas para salientar um constituinte sintaticamente como foco sentencial” que “apresentam algumas características comuns, mas diferem tanto formal quanto discursivamente” (p. 329). Segundo as categorias apresentadas por Miotto (2003), as estruturas de focalização sintática estudadas neste trabalho podem ser caracterizadas como um tipo de foco que não se

sintática que determina a tipologia, a saber: *Clivada impessoal*; *Pseudo Clivada*; *Clivada invertida focal*; *Pseudo-clivada invertida*; *Pseudo-clivadas reduzidas*; *Clivada com cópula invariante*; *Clivada sem cópula*.² Nesse sentido, constitui-se como objetivo deste trabalho fazer um levantamento das sentenças encontradas em dados orais de algumas crianças de 03 a 10 anos de idade, de forma a se verificar o surgimento e a ordem de aquisição dos diferentes tipos de clivagem. Estima-se que a ordem de surgimento pode revelar ou não a existência de gradação entre esses tipos de sentenças clivadas, em termos de complexidade para a aquisição. Além disso, busca-se verificar, neste estudo, em que medida a ocorrência dos tipos de clivadas corresponde ao padrão encontrado na fala do adulto e às características próprias do português brasileiro (PB).

MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* deste trabalho é constituído de dados orais obtidos a partir da gravação de narrativas de histórias contadas por 25 crianças dos 3 aos 10 anos de idade e de entrevistas com dois informantes adultos. Todos os informantes são naturais de Vitória da Conquista – Bahia. Uma vez que este trabalho compõe-se de dados transversais, para cada faixa etária, foram analisadas gravações de três crianças de forma a se obter uma quantidade relevante de dados, com exceção da faixa etária de 4 anos, para a qual houve necessidade de mais um informante devido a pouca quantidade de dados fornecidos pelas outras crianças. Os dados orais foram transcritos grafematicamente e, no processo de análise, as sentenças clivadas foram selecionadas e

informantes adultos com o objetivo de: a) comparar os dados infantis com os dos adultos em relação à frequência das construções clivadas; e b) verificar se a tipologia das construções clivadas produzidas pelas crianças em fase de aquisição corresponde ao *input* a que elas estão expostas e aos padrões previstos para o português brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam a ocorrência de 25 sentenças clivadas nos dados das 25 crianças e 17 nos dados dos dois informantes adultos, perfazendo um total de 42 sentenças clivadas em todo o *corpus*. O percentual dos tipos de clivadas encontradas nos dados infantis e dos adultos pode ser verificado no gráfico abaixo:

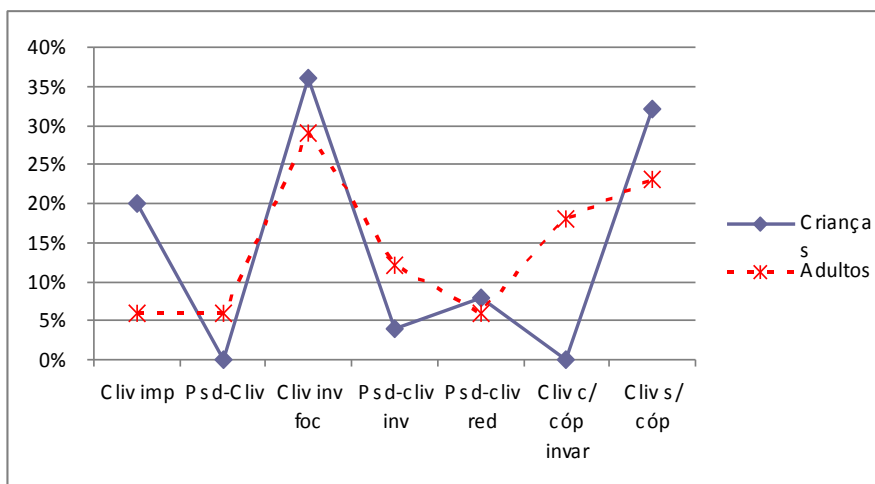


Gráfico 1. Porcentagem de clivadas encontradas nos dados infantis e nos dados dos adultos

As ocorrências de maior relevância nos dados infantis foram das sentenças dos tipos *clivada invertida focal*, como em “*La Isabella é que tá*

e *clivada sem cópula* (23%), além da *clivada com cópula invariante* como, por exemplo, “é [a única coisa] que até agora tá” (18%). Essa descrição revela que a frequência de clivadas nos dados de crianças dos 3 aos 10 anos correspondem ao *input* a que elas estão expostas.

Além disso, os dados apontam que, no início da aquisição, a criança raramente utiliza construções clivadas, pois, no *corpus*, não foi encontrada nenhuma sentença nos dados das crianças com 3 anos de idade e apenas uma ocorrência nos dados das crianças de 4 anos. Contudo, nos dados da faixa etária correspondente aos 5 anos, houve um pico de ocorrências dessas sentenças, inclusive das *clivadas invertidas focais*, construções típicas do PB, mas avaliadas por Kato *et al* (2002) como sentenças complexas, uma vez que envolvem movimento. Embora a quantidade de ocorrências, nos dados das crianças de 10 anos ainda não tenha sido tão grande, houve a ocorrência de uma maior variedade de construções clivadas, ocorrendo inclusive uma *pseudoclivada invertida*, como “[Minha tia] é quem me cria desde pequeninim”, tipo ausente nos dados das crianças mais novas.

Comparando-se a frequência das construções encontradas nos dados infantis com os dados dos adultos, verifica-se uma frequência de construções clivadas bem menor nos dados das crianças, pois, enquanto para estas teríamos uma proporção de 1 sentença clivada para cada criança, nos dados de cada adulto pode ser encontrada uma frequência de 21 ocorrências dessas sentenças. Isso nos leva a crer que o processo de aquisição das clivadas é gradual e mais condicionado pelo *input* que pela complexidade das sentenças.

construção. Isso nos leva a crer que a aquisição de clivadas reflete, desde o início, o quadro que se apresenta no *input* independentemente da complexidade de cada um dos tipos de clivagem.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY., N. Principles and Parameters in syntactic theory. In: HORNSTEIN, N.;LIGHFOOT, D. (Ed.). **Explanations in Linguistics**. New York: Longman, 1981.

KATO *et al.* As construções-Q no Português Brasileiro Falado: perguntas, clivadas e relativas. In: Koch, I.V. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 309-374.

MIOTO, C. Focalização e quantificação. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 169-189, 2003.